



O ENSINO DA ORALIDADE EM LÍNGUAS ADICIONAIS: OS DESAFIOS ENFRENTADOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE RECIFE - PE

Marielle Fernanda Marques de Miranda Sousa (PROGEL/UFRPE)

1 INTRODUÇÃO

É notório que o ensino de línguas estrangeiras no Brasil vem se popularizando e ganhando força principalmente no que tange os meios digitais. Essa promoção do ensino das línguas adicionais, vigorado sobretudo pela implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, apresenta uma defasagem principalmente na prática da oralidade. Mesmo a BNCC enfatizando a importância da completude entre as competências comunicativas de compreensão escrita e oral é notório que, por vezes, as práticas pedagógicas acabam sendo centradas na memorização e produção escrita.

De acordo com Celani (1997) alguns argumentos que podem ser analisados para justificar essa dificuldade no que diz respeito ao ensino da oralidade de línguas adicionais parte desde a formação docente, – incluindo o não domínio da língua ensinada – a infra-estrutura das instituições, o quantitativo excedente de alunos por turma, o pouco tempo de aula, a falta de materiais didáticos, assim como, o não acesso a tecnologias. Além disso, a carência de motivação do alunado devido a inúmeras questões que envolvem fatores sócio-culturais-econômicos, implicam numa prática engessada e sem qualquer direcionamento real que engloba a comunicação, como Widdowson (2005) aponta ser imprescindível.

Segundo Leffa (2001), é necessário compreender a oralidade como um processo interacional, ou seja, os sujeitos – docentes e discentes – possuem a demanda de construir juntos, por meio da linguagem, os sentidos durante as práticas pedagógicas. Para que isso aconteça é necessário ao professor um planejamento que não apenas contemple o conteúdo programático, mas que sejam possíveis dinâmicas contextualizadas na realidade dos estudantes.

Desta forma, compreende-se que a oralidade é um pilar fundamental para que a aquisição de uma língua adicional aconteça de modo eficiente em conjunto com outros fatores. Diante disso, o presente trabalho, que é um desenho de uma pesquisa maior, buscará discutir a relevância da oralidade no ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas de Recife-PE.



Visando analisar os obstáculos enfrentados por docentes e quais caminhos estão sendo utilizados para uma prática oral possível e efetiva.

2 METODOLOGIA

De acordo com Marconi e Lakatos (2017) a ciência caracteriza-se por meio da utilização de métodos científicos e esses métodos são o conjunto de atividades sistemáticas que permitem a produção de conhecimentos válidos. Esses processos delineiam as etapas de execução prática necessária para o projeto, contemplando responder aos questionamentos levantados durante o processo investigativo, assim como, traçando métodos para alcançar os objetivos da pesquisa. Severino (2018) afirma também que a aplicação de técnicas guiadas por métodos apoiados em fundamentos epistemológicos é o que constitui a ciência, visto que, independentemente do enfoque de uma pesquisa, sua decorrência precisa estar ancorada em uma perspectiva metodológica.

Dessa forma, o presente trabalho adota os seguintes procedimentos metodológicos que servirão de base para que o objetivo pretendido possa ser alcançado em relação à oralidade do ensino de línguas adicionais. No que se refere ao tipo da pesquisa está será empírica e, para o ponto de vista do objetivo, seguirá a linha da pesquisa exploratória. Acerca da sua abordagem foram selecionadas a quantitativa e a qualitativa, e o local da pesquisa serão as escolas públicas estaduais de Recife-PE, tendo por amostra os docentes que ensinam línguas adicionais. E, o instrumento utilizado para a coleta de dados será o questionário, que possibilitará conhecer de modo mais nítido os desafios e estratégias usadas pelos professores quando estão praticando a oralidade em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar sobre a aquisição de uma língua exige levar em conta aspectos que vão além do ato de memorização, escrita e leitura, é refletir o seu uso, a sua oralidade. Widdowson (2005) em seu livro “O ensino de línguas para a comunicação” aponta que há quatro habilidades indispensáveis para a base do ensino de línguas: compreender a linguagem oral, falar, ler e escrever, e cada uma dessas habilidades dizem respeito ao tipo de atividade que será desenvolvida pelo docente e aplicada aos discentes. Nessa concepção o ensino de línguas se



aplica no desenvolvimento dessas habilidades que garantem a capacidade da produção assertiva de frases/orações na língua adicional. Contudo, o próprio autor traz que isso não supre todas as necessidades que a língua em uso precisa, porque, ao utilizá-lo, não se consegue o efeito comunicativo esperado.

Isso só revela que é necessário que o professor tenha a percepção do que vem a ser a forma e o uso da língua, pois “Em circunstâncias normais, o desempenho linguístico inclui a simultânea manifestação do sistema linguístico enquanto forma e sua realização enquanto uso.” (Widdowson, 2005, p. 17). Essa reflexão é fundamental para concluir como algumas práticas em sala de aula não produzem um sentido comunicativo efeito, visto que, não são comumente frequentes no dia a dia dos estudantes.

Essa abordagem vista como tradicional ainda é bastante recorrente no contexto escolar, uma vez que centra o ensino em métodos que desconsideram os aspectos sociais e comunicativos da língua, bem como, o processo da oralidade nessa aprendizagem, isto é, “a maneira pela qual a língua estrangeira é apresentada na sala de aula não corresponde à experiência do aprendiz com a sua própria língua fora da sala de aula” (Widdowson, 2005, p. 33).

Para Day e Savedra (2015) essa abordagem contribui efetivamente para os insucessos observados em sala de aula. Outro fator apontado pelos autores é a própria legislação educacional que fomenta cada vez mais a diminuição de opções de línguas estrangeiras nas escolas, tal como, a redução do quantitativo de aulas oferecidas na semana. E, segundo Marcuschi (2009), a oralidade não deveria ser tratada como algo inferior e sem qualquer uso da gramática, contudo, atualmente, ainda observa-se uma dificuldade de se manter práticas que abarque a oralidade, sem necessariamente pretender outros pretextos. Logo, para Pinho (2022), à oralidade no ensino de línguas adicionais ainda é um campo carente, sobretudo sob a perspectiva das escolas, e que necessita de mais atenção no que se refere às práticas pedagógicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é válido ressaltar que para abordar esta esfera da língua – a oralidade – deve-se, sobretudo, observar a realidade nas salas de aulas e como inserir os conteúdos partindo do



que os estudantes já possuem. Pois, ao seguir por caminhos, no qual, se tem apenas o exercício da leitura, por exemplo, não há a efetivação da aquisição de uma língua adicional.

Como registrou Leffa (2001), a abordagem do uso da metodologia como um instrumento que comporta unicamente a prática de tradução e de análise linguística é um dos fatores que contribuem para essa perspectiva de um ensino marginalizado, no que tange, principalmente, o ensino da oralidade. Conforme o autor, o ensino de línguas na realidade das escolas públicas se afasta da concepção de língua enquanto objeto de transformação social, política e ideológica. Desta maneira, compreende-se, por meio desse trabalho, que a oralidade precisa ser um pilar abordado nas aulas de línguas adicionais, mesmo com os desafios que possam surgir no decorrer da sua aplicação em sala de aula, a prática da oralidade é indeclinável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de segunda língua: redescobrimos as origens**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1997.

DAY, Kelly Cristina Nascimento; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL: QUESTÕES DE ORDEM POLÍTICO-LINGUÍSTICAS**. Forum Linguistic, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 560-567, Não é um mês valido! 2015.

LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 1. ed. Pelotas: Educat, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e escrita**. Signótica, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119–146, 2009. DOI: 10.5216/sig.v9i1.7396.

PINHO, José Ricardo Dordron de. **A oralidade no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

WIDDWSON, H.G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução de José Carlos P. de Almeida Filho. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.